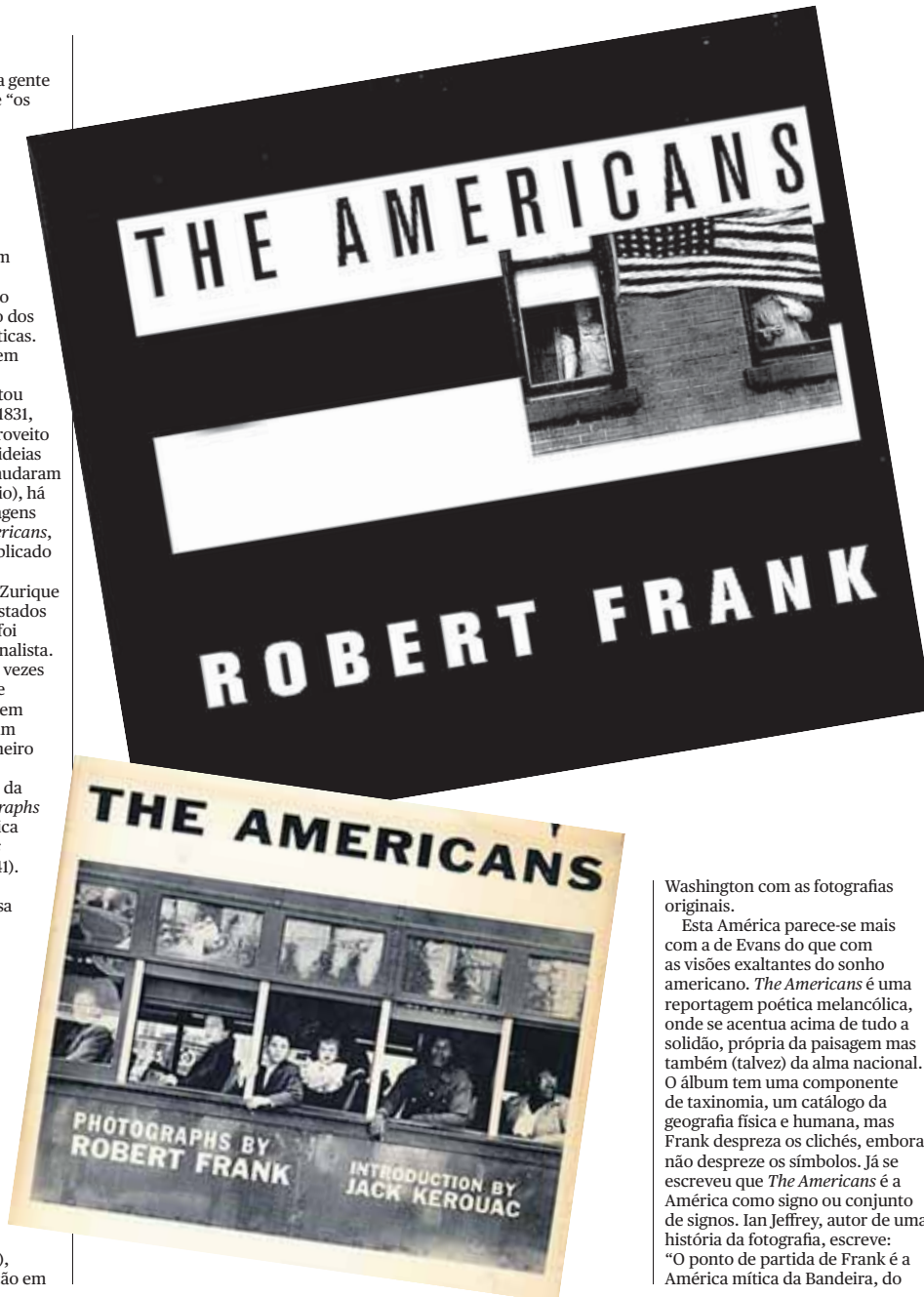




Os americanos

Os americanos, os americanos, os americanos. Toda a gente tem opiniões sobre “os americanos”, em geral bastante ácidas, mesmo que deles não conheça nada. Daqui a três dias, os americanos escolhem um novo presidente, e vamos continuar mais uns tempos a discutir aquele povo, quem são, como pensam, o que fazem. Baseados em quê? No cinema, no comportamento dos turistas, nas polémicas políticas. Mas saberemos de facto quem são esses americanos que criticamos? Tocqueville tentou compreendê-los *in loco* em 1831, e ainda hoje o lemos com proveito e admiração. Mas além das ideias sobre a América (que não mudaram assim tanto em século e meio), há as imagens da América. Imagens como as vemos em *The Americans*, de Robert Frank, álbum publicado fez agora cinquenta anos.

Frank, judeu nascido em Zurique em 1924, emigrou para os Estados Unidos depois da guerra, e foi fotógrafo de moda e fotoperformista. O seu nome aparece muitas vezes ligado à *beat generation*, que ele acompanhou e registou em fotos e filmes, mas isso foi um convívio mais tardio; o primeiro encontro decisivo foi com o grande Walker Evans, autor da exposição *American Photographs* (1938) e da portentosa crónica da Grande Depressão *Let Us Now Praise Famous Men* (1941). Inspirado nesse exemplo, Frank concorreu a uma bolsa da Fundação Guggenheim e em meados da década de cinquenta viajou (com a família) por 48 estados, tirando 28 mil fotografias. Dessas, aproveitou 83, que reuniu em volume. *Les Américains* apareceu originariamente em Paris (edições Delpire) em 1958. A edição americana (Grove Press), com introdução de Jack Kerouac e legendas do próprio Frank, saiu no ano seguinte. Podemos agora revisitar esse clássico, revisto e aumentado pelo próprio Frank (Steidl, 2007), e que antecipa uma exposição em



Quatro de Julho, dos comícios políticos, dos barbeiros, ranchos, cowboys, cafés, auto-estradas, e do Sul. Os nomes das localidades têm uma aura romântica - Beaufort, Belle Isle, Butte - mas é uma aura permanentemente desmentida pelas fotografias». Robert Frank não procura o anormal mas o banal: políticos que esbracejam, senhoras bem postas, alunos de Yale, cocktails, montras de lojas, estações de gasolina, rodeos, funerais, pequenas celebridades, ruas movimentadas, engraxadores, operários, motoqueiros, néons, casais de namorados, chapéus e arranha-céus. É uma mitologia americana que ainda hoje vale, que ainda hoje é parcialmente uma imagem verdadeira da América.

Jack Kerouac não resistiu à enumeração a que as fotos convidam, uma celebração nada convencional da famosa diversidade americana. Mas no seu texto captou também um aspecto essencial quando disse que em Frank “já não sabemos se uma *jukebox* é mais triste que um caixão”. Não há alegria nestas fotos, nem vestígios do famoso voluntarismo americano, mas alienação e negrume existencial. A América também é isto, lembra Frank a quem esteja distraído.

Para os padrões “correctos” da arte fotográfica, as fotos eram discutíveis, nos enquadramentos, na iluminação, no grão da imagem, mas como tirar fotografias perfeitas a um mundo tão imperfeito como uma mesa com três pernas? Imagens que podiam ser pitorescas (miúdos metidos num carro numa exposição automóvel, uma enfermeira muito negra com um bebé muito branco ao colo) são tristonhas. Imagens que podiam ser inócuas (um carro coberto com um pano em Long Beach) parecem uma ameaça. Há várias pessoas ocultas pelos objectos, como o homem de bengala debaixo de uma escada, um músico tapado pelo trombone, a bandeira que impede que vejamos a cara de uma pessoa à janela em Hoboken, New Jersey. E há esse extraordinário eléctrico parado em New Orleans, com gente de diferentes raças e idades que olham, mortiços, para o fotógrafo talvez, ou para um futuro que não vêem.

Washington com as fotografias originais.

Esta América parece-se mais com a de Evans do que com as visões exaltantes do sonho americano. *The Americans* é uma reportagem poética melancólica, onde se acentua acima de tudo a solidão, própria da paisagem mas também (talvez) da alma nacional. O álbum tem uma componente de taxinomia, um catálogo da geografia física e humana, mas Frank despreza os clichés, embora não despreze os símbolos. Já se escreveu que *The Americans* é a América como signo ou conjunto de signos. Ian Jeffrey, autor de uma história da fotografia, escreve: “O ponto de partida de Frank é a América mítica da Bandeira, do

CENTRO
CULTURAL
VILA FLOR
GUIMARÃES

WWW.CCVF.PT
M. 252 300 300

SAB 01, 22H00
MÚSICA ME
VINÍCIUS CANTUARIA

